



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

TAYNÁ SOARES DE MENDONÇA

**A CONSTRUÇÃO DO MURO VERDE AFRICANO E A COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL: UMA BUSCA PELO DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DO
MAGREBE**

**JOÃO PESSOA
2022**

TAYNÁ SOARES DE MENDONÇA

**A CONSTRUÇÃO DO MURO VERDE AFRICANO E A COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL: UMA BUSCA PELO DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DO
MAGREBE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação /Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais.

Orientadora: Prof. Dra. Giuliana Dias Vieira

Coorientadora: Profa. Ms. Jenifer Queila Santana

**João Pessoa
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M539c Mendonça, Tayná Soares de.

A construção do muro verde africano e a cooperação internacional [manuscrito] : uma busca pelo desenvolvimento na região do Magrebe / Tayná Soares de Mendonça. - 2022.
25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Giuliana Dias Vieira ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

"Coorientação: Profa. Ma. Jenifer Queila de Santana ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Cooperação internacional . 2. Governança global ambiental. 3. Muro verde africano. 4. África. I. Título

21. ed. CDD 327.17

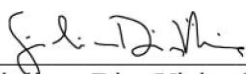
TAYNA SOARES DE MENDONÇA

**A CONSTRUÇÃO DO MURO VERDE AFRICANO E A COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL: uma busca pelo desenvolvimento na região do Magrebe**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 28/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Giuliana Dias Vieira (Orientadora)
(Orientadora Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB))



Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Lucila Gabriella Maciel Carneiro Vilhena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, por ter investido na minha
formação com tanto esforço. À minha mãe,
DEDICO.

“As forças que nos unem são intrínsecas e maiores que as influências superpostas que nos mantêm separados.”

(NKRUMAH, 2021)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Figura 1 - Aumento explosivo na construção de muros a partir de 2001	11
Figura 2 –	Figura 2 - Países impactados diretamente pelo projeto de construção do muro verde	14
Figura 3 -	Figura 3 – Países- membros do CEN-SAD	18

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – **Quadro 1** - Resultados da grande muralha verde de 2008 a 2022 no âmbito do desenvolvimento social e ambiental 19
- Quadro 2 – **Quadro 2** - Engajamento de diversas instituições, organizações e Estados para o desenvolvimento do muro verde 20

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	CONSTRUÇÃO DE MUROS NA ATUALIDADE: ENTRE A SEGREGAÇÃO E A IMPONÊNCIA ESTATAL	10
2	A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL HISTÓRICA NO NORTE DA ÁFRICA E A GOVERNANÇA GLOBAL	12
2.1	Deserto do Saara: uma problemática ambiental histórica	12
2.2	A governança global ambiental.....	13
3	MURALHA VERDE: UM MOSAICO METAFÓRICO DE OPINIÕES.	16
4	INTEGRAÇÃO REGIONAL E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: VERTENTES FULCRAIS PARA A EXECUÇÃO DO MURO VERDE ..	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

A CONSTRUÇÃO DO MURO VERDE AFRICANO E A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: UMA BUSCA PELO DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DO MAGREBE

Tayná Soares de Mendonça

RESUMO

O fenômeno de construção de muros na atualidade é uma resposta à continuidade de problemáticas históricas relativas à figura dos Estados enquanto atores responsáveis pela segurança territorial e articulação de soluções viáveis para problemáticas relativas à economia, política, âmbito social e meio ambiente. Sendo assim, atualmente, podem ser mapeados mais de 70 muros em todos os continentes, alguns sendo fortalecidos, aumentados ou duplicados. Em contrapartida a essa crescente tendência de segmentação existe o muro verde africano, uma proposta realizada pela Comunidade dos Estados Sahel-Saara, uma área de livre comércio parte da União Africana, cuja criação é fruto da cooperação internacional intensificada na última década na região do Magrebe. A fim de compreender como a cooperação internacional viabilizou o desenvolvimento do muro verde, o método utilizado envolveu uma abordagem qualitativa a partir de informações coletadas com o fito de analisar fatores e dados não mensurados numericamente, para uma análise mais direcionada foram utilizados quadros com resultados sistematizados a respeito dos resultados da construção no âmbito do desenvolvimento social e ambiental e a quantidade de instituições e órgãos internacionais engajados no projeto.

Palavras-chave: África. Muros. Governança global ambiental. Cooperação Internacional.

ABSTRACT

The phenomenon of building walls today is a response to the continuity of historical problems related to the figure of the States as actors responsible for territorial security and articulation of viable solutions for problems related to the economy, politics, social scope and environment. Therefore, currently, more than 70 walls can be mapped on all continents, some being strengthened, increased or duplicated. In contrast to this growing trend of segmentation, there is the African Green Wall, a proposal made by the Community of Sahel-Saharan States, a free trade area part of the African Union, whose creation is the result of international cooperation intensified in the last decade in the Maghreb region. In order to understand how international cooperation made the development of the green wall possible, the method used involved a qualitative approach based on information collected in order to analyze factors and data not numerically measured, for a more targeted analysis, tables with systematized results were used. regarding the results of construction in terms of social and environmental development and the number of institutions and international bodies engaged in the project.

Keywords: Africa. Walls. Global environmental governance. International cooperation.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do conceito a respeito de fronteiras ao longo dos séculos acompanhou a necessidade intrínseca de pertencimento que compõe o ser humano, esse aspecto remonta a constituição de territórios desde os tempos mais remotos com o objetivo inicial de delimitar espaços geográficos a fim de garantir a sobrevivência dos povos que por sua vez transmutou-se em finalidades relativas à política e organização social. No entanto, indo de encontro ao arquétipo de Estado-Nação, consolidado através do tratado de Vestfália (1648) e o marco conceitual deste como um ator internacional responsável por assuntos associados à segurança, o período contemporâneo apresenta problemáticas paradoxais devido ao cercamento de fronteiras mediante a edificação de muros em um contexto de globalização e crise da soberania vestfaliana (Almeida, 2020).

Vale ressaltar que entre os anos de 2020 e 2022 foram desenvolvida as pesquisas: “Os muros do mundo contemporâneo: Considerações políticas, culturais e identitária” (Edital 2020/2021) e “O mundo contemporâneo e as fronteiras muradas: Desafios da política internacional” (Edital 2021/2022) ambos aprovados pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a coordenação da orientadora desta dissertação, Giuliana Dias Vieira. Portanto, essas duas pesquisas serão utilizadas como base para este trabalho de conclusão de curso.

Nesse âmbito, a temática foi escolhida com o objetivo de compreender o fenômeno de construção do muro verde no continente africano e de que forma a temática da integração regional e cooperação internacional estão conectadas a essa questão mediante a existência uma conjuntura complexa e dotada de especificidades e o fato de que a possibilidade de edificação dessa muralha foi viabilizada devido a cooperação de instituições e organizações, buscando superando o aspecto relativo à estrutura subdesenvolvida da região.

No que concerne à metodologia, esta pesquisa possui natureza básica, tendo em vista o objetivo de responder questionamentos a fim de ampliar o conhecimento sobre o objeto abordado. O objetivo da pesquisa é descritivo-analítico, pois busca relacionar as variáveis presentes e trazer uma nova visão mediante uma abordagem essencialmente qualitativa, a partir das informações coletadas sobre os muros no mundo na atualidade e do muro verde africano.

Assim, o muro verde africano revela-se como um novo paradigma para a contemporaneidade, haja vista a construção de uma tendência pacifista, ecológica e simbólica que contrapõe a segregação, o isolamento e o preconceito. Ademais, sua interpretação

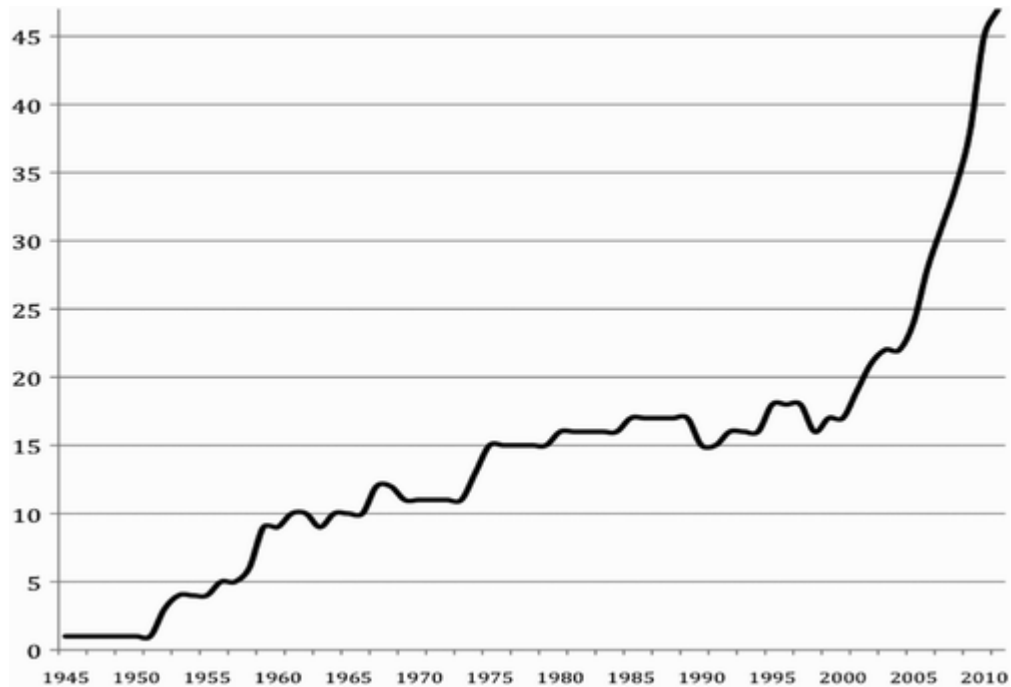
metafórica é tão importante quanto sua literalidade, porque almeja promover o saber local e orientar os conhecimentos científicos para a preservação do meio ambiente e da governança global ambiental. Este artigo apresenta a temática em três partes. Primeiramente, apresenta-se o fenômeno de reconstrução de muros como desafio do Século XXI (Cap. 1). Na segunda parte, expõe a problemática histórica do deserto do Saara e a governança global ambiental (cap. 2). Na terceira parte, analisa a questão do muro africano sob o prisma de um mosaico metafórico de opiniões (cap.3). E na quarta (cap.4), e última, foi abordada a Integração regional e Cooperação internacional: vertentes fulcrais para a execução do muro verde.

2 CONSTRUÇÃO DE MUROS NA ATUALIDADE: ENTRE A SEGREGAÇÃO E A IMPONÊNCIA ESTATAL

Uma variedade de conceitos literais e simbólicos é utilizado para a definição da palavra “muros” dentro da área das relações internacionais a depender do ponto de vista do interlocutor e o universo ideológico no qual ele está inserido, a definição mais basilar afirma que são barreiras fronteiriças com fundações fixas de alvenaria (Gheslin, 2010). Mas, mediante um estudo mais apurado, é possível afirmar que na maioria esmagadora dos casos essas edificações englobam materiais muito mais severos, sendo dotadas de arame farpado, sensores de movimento, duplo reforço através de materiais como concreto, torres de vigilância, além de postos com guardas armados e uma inflexível política regulamentadora para impedir a entrada de pessoas consideradas indesejadas.

Sendo assim, o fenômeno de construção de muros, para além de ser uma questão referente à segurança territorial, é parte de uma lógica de controle e segregação, em um sentido mais amplificado, funciona como um divisor político (Vallet, 2012). Para a atualidade, essa realidade passou a ser ainda mais consolidada após o fenômeno da globalização, mais especificamente após o 11 de setembro (BALLIF; ROSIÈRE, 2019, v. 38, p. 193 a 206) marco que contrariou a expectativa dos analistas internacionais que esperavam o desenvolvimento de uma ótica baseada na cooperação e estreitamento do relacionamento entre os Estados através do comércio, acordos bilaterais e outras estratégias de aproximação entre eles.

Figura 1: Aumento explosivo na construção de muros a partir de 2001



Fonte: (VALLET, 2012, p. 3).

Sendo assim, a partir do 11 de setembro ocorreu o desenvolvimento de novas estratégias de separação (Cuttitta, 2007). Esse marco histórico-político reconfigurou o objetivo-fim dessas construções que passaram a representar a tentativa dos Estados de recuperarem o controle territorial que foi simbolicamente ameaçado após 2001, estabelecendo, assim, uma visão de urgência em relação a proteção das fronteiras como forma de impedir o enfraquecimento de sua soberania, o grande paradoxo nessa análise está no fato de que tais edificações assumiram um caráter muito mais estético do que realmente eficaz (Foucher, 2009).

De acordo com Haesbaert (2011, p.4), pode-se afirmar que as territorialidades dominantes no mundo moderno de matriz europeia impuseram inicialmente uma padronização territorial, de caráter pretensamente universal e exclusivista, cuja matriz foi o Estado e seus domínios em área, construindo territórios-zona que não admitiam sobreposição. A partir disso, surgiu a necessidade de maior controle das fronteiras, através da limitação do fluxo de pessoas, sobretudo da força de trabalho dos migrantes, de suas culturas e costumes. Nesse aspecto, utilizando a concepção de Wendy Brown (2010), cientista política, os novos muros elucidam a soberania teatralizadora, a qual busca interditar “corpos estranhos” através de gestos políticos extremamente custosos e passíveis de fracasso à medida em que não conseguem atingir o

objetivo final de segregação e sustentação de uma falsa visão de ordem. Tal instrumentalização das forças estatais para reforçar a soberania e a separação podem ter consequência bastante nocivas aos esforços de humanização da política internacional. Por outro lado, Mbembe (2020, p.15) alerta que

Ganha força a crença de que o mundo seria mais seguro se ao menos os riscos, as ambiguidades e incertezas pudessem ser controladas (...) e que “as técnicas de gerenciamento de risco estão se tornando, cada vez mais, um método para governar a mobilidade.

O que significa que gerenciar o medo e a insegurança tem se tornado uma estratégia de governos para acalmar as inseguranças atuais. Tais técnicas atacam de frente a mobilidade, a migração, a sobrevivência de milhares de pessoas que aglomeram-se nos limites territoriais murados. Sendo assim, a idealização da Muralha Verde Africana rompe com a essa tendência interpretativa acerca da fenomenologia dos muros e apresenta uma nova alternativa simbólica para as Relações Internacionais, tendo em vista o fato do projeto buscar despertar a concepção de aldeia global através da cooperação entre os países da região do Saara-Sahel, a qual é acometida pela desertificação, além de pobreza extrema, ausência de educação de qualidade e mudanças climáticas severas.

2. A problemática histórica do Norte da África e a governança global ambiental

A região Norte africana apresenta problemas históricos ligados à questão ambiental que acompanham os impasses para alavancar o desenvolvimento regional, político e econômico do continente. Neste capítulo iremos tratar primeiramente do deserto do Saara como um problema ambiental histórico (2.1), para em seguida analisar a governança global ambiental aplicada às questões africanas (2.2)

2.1. Deserto do Saara: uma problemática ambiental histórica

De acordo com Hare et al. (1992), sucessivas secas atingiram severamente a região do Saara entre 1968 e 1973. Em 1970, a precipitação anual foi de 149 mm, em 1971, foi de 126 mm e, em 1972, foi a pior seca de todas, com registro de apenas 54 mm, uma situação típica, mas que se tornou catastrófica no ano de 1973. Esse conjunto de eventos desencadeou mortes, aumento do fluxo migratório e fome para a região. Neste contexto, em 1977, a Conferência das Nações Unidas sobre a desertificação definiu a desertificação como sendo a degradação da terra nas zonas áridas, semiáridas, e subúmidas secas, resultantes de vários fatores, incluindo as variações climáticas e as atividades humanas. Sendo assim, notou-se uma urgência em criar

medidas para a problemática, especificamente no continente africano, haja vista a fragilidade econômica, política e social e principalmente a suscetibilidade a variações climatológicas.

O Deserto do Saara expandiu-se cerca de 10% desde 1920, conforme aponta estudo de cientistas da Universidade de Maryland, nos EUA (NIGAM, 2018). Essa expansão é natural, porém nas últimas décadas, as atividades antrópicas, principalmente o aumento dos gases de efeito estufa na atmosfera, estão agravando a situação e estimulando o avanço da região desértica e a contração do Sahel, uma zona de transição semiárida, causando conseqüentemente a desestabilização nos ecossistemas. Um exemplo desse desequilíbrio é o Lago Chade, o qual que mediu 9.652 metros quadrados em 1963 e encolheu 90% nas últimas décadas, esse evento revela a conexão climática no meio ambiente e como a ação antrópica possui efeitos devastadores a curto e longo prazo.

Uma importante observação realizada pela Secretária-geral da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), Patrícia Spinoza, realizada durante reunião com o Conselho de Segurança da ONU, fez o seguinte alerta: “Os efeitos negativos das mudanças climáticas e mudanças ambientais, entre outros fatores que afetam a estabilidade da África Ocidental e da zona do Sahel” (ESPINOSA, 2018, p.4).

Desse modo, observa-se que o desastre ecológico na região desértica do Saara remonta a um fator primeiramente de ordem natural, e secundamente de ordem socioeconômica.

2.2. A governança global ambiental

A governança global ambiental se baseia na multiplicidade de atores, sua interdependência, objetivos compartilhados, fronteiras fluídas entre público, privado e esferas associativas, além da multiplicidade de formas de ação, intervenção e controle (KOOIMAN, 1993). Portanto, o termo significa a construção de um consenso entre as partes interessadas (stakeholders) em busca da cooperação, envolvendo todos os esforços possíveis para atingir um denominador comum em prol do meio ambiente. Na mesma linha de pensamento, Castro (2010) afirma que a governança envolve a articulação entre formas clássicas de autoridade existentes no estado (organização hierárquica) com as características do setor privado (direcionado pela competição do mercado) e o setor voluntário ou sociedade civil (caracterizado pela ação voluntária, recíproca e solidária dos cidadãos).

Nesse sentido, a idealização do Muro Verde remonta às ideias e projetos do ativista ambiental inglês Richard St. Barbe Baker, durante seus estudos de botânica na faculdade de Cambridge, onde foi feita a alerta de que a remoção de árvores sem o devido reflorestamento causaria o declínio da biodiversidade e qualidade de vida da população. (BAKER, 1970.) Nesse aspecto, Richard Baker iniciou um trabalho no norte da África após observar os efeitos históricos da má administração das terras na região provenientes do plantio de trigo durante o Império Romano. Com efeito, ao ser nomeado Conservador Assistente de Florestas, realizou um trabalho de plantação de árvores nas províncias do sul da Nigéria entre 1925 e 1929, a fim de reflorestar a área e alertar as autoridades sobre os efeitos negativos do desmatamento e desertificação, anunciando formas eficazes para restaurar o equilíbrio ecológico.

Apesar dos esforços presentes na Conferência das Nações Unidas sobre a desertificação em 1977 e dos alertas apresentados pelos trabalhos do ambientalista Richard Baker, a região permaneceu sofrendo as consequências da devastação ambiental, além da ausência de políticas públicas eficazes e de uma visão de governança que incorporasse uma solução exequível para todos os países acometidos por essas problemáticas. Em contrapartida, um novo paradigma surge bem mais recentemente em 2007, com possibilidade de modificar tais realidades sombrias. Sob a liderança da Comissão da União Africana, o projeto para a construção da grande Muralha Verde é fortalecido, prevê o reflorestamento de aproximadamente 247 milhões de acres de terra degradada, estendendo-se de Dakar a Djibuti, perpassando 11 países.

Figura 2: Países impactados diretamente pelo projeto de construção do muro verde



Fonte: (STÖCKLI, 2013)

Na imagem, percebe-se de forma nítida o impacto das mudanças que derivam desta iniciativa. O muro verde, uma vez implementado completamente, transformará definitivamente toda a realidade desértica da região. Ou seja, as mudanças climáticas, geológicas, sociais e políticas criarão novos horizontes às populações que permeiam todo o espectro das áreas reflorestadas e circunvizinhas. Ao contrário de dividir, o muro verde já começou a unir e a criar novos paradigmas de percepção das possibilidades de construção de uma vida melhor. A concepção de construção do muro verde engloba, mesmo que implicitamente, alguns conceitos de filosofia ambiental trazidas pelo trabalho de Naess (1972). Este filósofo e ambientalista norueguês desenvolveu o conceito de “ecologia profunda” para significar o respeito a todos os elementos vivos da biosfera a fim de garantir o equilíbrio ecológico. Naess também dividiu as correntes ambientais em duas: as superficiais que possuem uma tendência baseada no antropocentrismo e no egocentrismo, além possuírem como objetivo o crescimento material desenfreado; e o consumismo inconsciente através do empobrecimento dos recursos naturais.

Enquanto as correntes profundas não fazem distinção entre seres humanos e natureza, mas observam o mundo como uma rede de fenômenos conectados (CAPRA, 1996). Seguindo essa lógica, a construção do Muro Verde está alicerçada na concepção de ecologia profunda e seus princípios de harmonia com os recursos naturais e eliminação de uma visão pautada no antropocentrismo, o qual catalisa a desertificação e empobrecimento do norte da África.

O cientista britânico, ecólogo e professor do departamento de Ciências do Meio Ambiente do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, na Suíça, e um dos autores do trabalho acadêmico sobre reflorestamento e aquecimento global observa que seguramente podemos afirmar que o reflorestamento é a solução mais poderosa se quisermos alcançar o limite de 1,5 grau de aquecimento global (Bastin et al. 2019). De acordo com a Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação, que busca reverter o ainda atual processo de desertificação principalmente no continente africano, no Senegal já foram plantadas 11,4 milhões de árvores e 25 000 hectares de terras degradadas restauradas.

Ademais, o avanço no projeto solidifica o conceito de governança global ambiental, posto que a implementação de políticas públicas alinhadas com a participação ativa de diversos outros atores, como o setor privado e não governamental, promove um maior dinamismo e cooperação no processo de reversão dos históricos problemas da região. Segundo Stringer (2016) é necessário mudar alguns dos sistemas criados pelo homem, em vez de apenas plantar para resolver o problema da desertificação.

Em outras palavras, é imprescindível fomentar a economia e a cultura local. No Burkina Faso, Mali e Senegal, por exemplo, os agricultores estão utilizando uma prática tradicional conhecida como “zai” para reabilitar a terra através da retenção de água em períodos secos; em Gana, existem plantações de capim-elefante para manter o solo úmido, utilizado também para tecer cestas. Portanto, o conceito de governança global ambiental está em plena sintonia com as ações proporcionadas pela economia verde – assim designada porque é oriunda da construção da grande muralha verde, desenvolvendo um sistema de coalizão entre diversos atores que buscam a inovação e crescimento econômico e cultural.

3. Muralha verde: um mosaico metafórico de opiniões

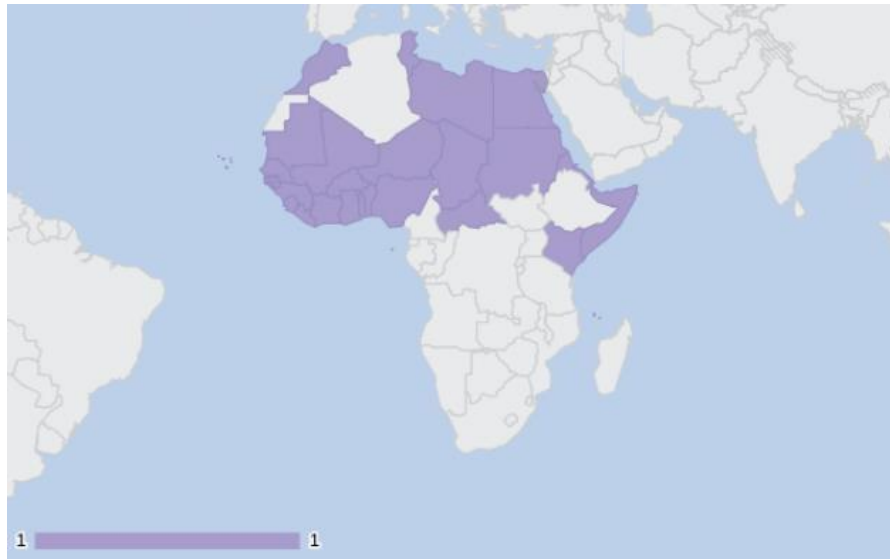
A construção da Muralha Verde possui repercussão mundial nos estudos científicos. Chris Reij (2018), por exemplo, membro sênior do Instituto de Recursos Mundiais (Washington-DC – USA) que trabalha com desertificação desde 1978, insiste em afirmar que, apesar da alegação de que 99.000 acres foram reflorestados no Senegal, a área de terras florestais continua desaparecendo por conta de atividades de exploração e destruição dos recursos naturais que ainda são superiores aos benefícios trazidos pelo projeto do muro verde. Ou seja, a exploração madeireira, a agricultura e a construção civil ainda permanecem como atividades com capacidade destruidora muito superior em outras partes do país. Sendo assim, para Chris Reij (2018), em entrevista para a *Reflorestation World*, a plantação não é a solução, pois a sobrevivência das árvores nessa região está em torno de 20%. E, ele afirma que “as taxas de mortalidade das plantações de árvores costumam ser da ordem de 80% ou até mais. Uma razão é que a propriedade das árvores nem sempre foi definida antes das árvores serem plantadas”. (p.9).

Por outro lado, para Dennis Garrity, embaixador das Terras Secas na Convenção das Nações Unidas para o combate à desertificação, é possível comparar os países próximos as áreas desérticas do Saara com lugares empobrecidos e sem governo como Paquistão ou Afeganistão que já foram foco do terrorismo global há alguns anos (BAKER; TOUBAB, 2019). O secretário executivo da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, Ibrahim Thiaw, analisa as várias posições sobre a construção do muro verde africano nos seguintes termos: nenhum dos posicionamentos é melhor do que o outro, pois atualmente existem 21 países envolvidos em restaurar a região do Saara- Sahel, mas apenas 15% da área foi restaurada desde 2008 (BAKER; TOUBAB, 2019).

A justificativa para essa lentidão é a falta de financiamento, devido às urgências e demandas nas emergências climáticas em outros continentes. De acordo com o secretário, as consequências a longo prazo serão devastadoras, aumentando o fluxo migratório para a Europa e países do Golfo. Aliás, é urgente considerar que segundo previsão do Banco Mundial, em seu Relatório IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), a mudança climática forçará cerca de 85 milhões de africanos subsaarianos a migrar (ONU, 2014). Embora o projeto apresente um certo grau de controvérsia, interpreta-se tal situação como positiva politicamente, pois demonstra a pertinência da iniciativa sem dispensar as contribuições, observações e críticas, e além de tudo, do interesse social – indispensáveis à construção de um projeto político de tal envergadura.

4. Integração regional e Cooperação internacional: vertentes fulcrais para a execução do muro verde

Para além da iniciativa de desenvolvimento do muro verde ser ancorada na governança global ambiental, suas raízes também estão firmadas na integração regional e na cooperação internacional. Vale ressaltar, para fins de melhor compreensão, que o processo de integração regional também consiste em uma cooperação e ambos são partes de um quadro maior denominado regionalismo. Nesse caso, a diferenciação ocorre porque a integração consistiu no elemento fundante que proporcionou outros arranjos cooperativos como o muro verde. Nesse sentido, existem antecedentes relacionados a acordos e organizações criadas que permitiram a concretização do projeto, a primeira delas é a União Africana (UA), anteriormente citada, que foi fundada em 2002 sendo sucessora da Organização da Unidade Africana (OUA) criada em 1963. Abrigada atualmente pela UA está uma comunidade regional específica denominada Comunidade dos Estados Sahel-Saara (CEN-SAD), criada em 1988 pelo então Presidente da Líbia Muammar al-Gaddafi (1977-2011) em conjunto com os chefes de Estado do Mali, Chade, Níger, Sudão e um representante do presidente de Burkina Faso. Atualmente, a comunidade conta com 25 países-membros, a maioria deles localizam-se no Sahel, como indicado na figura abaixo:

Figura 3: Países-membros do CEN-SAD

Fonte: (Assis et al., 2022, p.29)

Sendo assim, a proposta do *Great Green Wall for Sahara and the Sahel Initiative* (GGWSSI) realizada pelo então Presidente nigeriano Olusegun Obasanjo (1977-2007) apresentada para o CEN-SAD que inicialmente buscava realizar o plantio de árvores, transmutou-se em uma proposta ainda mais robusta (Assis et al., 2022, p. 1 a 50) trazendo traços da sustentabilidade e desenvolvimento econômico-social da população através da geração de empregos. Com isso, acrescentou-se hortas comunitárias que atualmente estão em funcionamento no Burkina Faso, Mali e Níger que produzem o alimento para os animais locais, evidenciado uma restauração gradativa das áreas onde há plantação e a incorporação da Economia Verde.

A partir desse aspecto, é possível concluir que a possibilidade de realizar o projeto do muro verde só foi consolidada devido à integração regional previamente estabelecida entre os países que, por sua vez, foi proporcionada pela União Africana, especificamente através do CEN-SAD como sendo a comunidade responsável pelos países localizados no Sahel. A consequência de tal implementação foi desenvolvimento econômico, social e ambiental dos Estados participantes, ou seja, existiu uma resposta ainda mais palpável e imediata que se traduziu para a realidade da população para além do plantio de árvores e a regeneração do solo, como apontado no quadro abaixo:

Quadro 1: Resultados da grande muralha verde de 2008 a 2022 no âmbito do desenvolvimento social e ambiental

	Burkina Faso	Etiópia	Nigéria	Senegal	Sudão
Hectares de terras reflorestadas restauradas	20.383	151.448	2.801	72.452	85.000
Empregos criados	45.383	218.405	1.396	Dado não informado	Dado não informado
Hectares de jardins polivalentes restaurados	Dado não informado	236.551	Dado não informado	Dado não informado	Dado não informado
Pessoas capacitadas em segurança alimentar e energética e manutenção da biodiversidade	26.869	62.759	1.205	2.120	1.716

Fonte: Elaboração própria com base dos dados coletados. Disponível em: <<https://www.unccd.int/our-work/ggwi/impact>>

O alcance dos resultados apresentados acima foi possível devido à busca pelo estreitamento da integração regional entre os países. De maneira específica para o continente africano, esse elemento é notado como um mecanismo estratégico de desenvolvimento (Nwangwu et al., 2019).

Vale ressaltar que um dos principais objetivos da Comunidade dos Estados Sahel-Saara (CEN-SAD) é a união econômica através de um plano que integre os planos nacionais de desenvolvimento de seus membros, incluindo investimentos em diversos setores como agricultura, indústria, social, cultura e energia (CHAGAS et al., 2022).

Essa tendência de aumento de integração na região do Magrebe traz à tona outro aspecto extremamente importante que é o elemento da cooperação internacional que está conectado a essa questão, tendo em vista o fato de que com o avanço da globalização e urgência do desenvolvimento africano ser cada vez mais interdependente fez-se necessário a inclusão da cooperação internacional como preocupação regular (SATO, 2010).

Sendo assim, o muro verde constituiu um processo fruto de um arranjo cooperativo de diferentes atores dentro do sistema internacional que compreendem Estados, organizações intergovernamentais, instituições financeiras, organizações não governamentais e organizações de pesquisa e educação. Essa cooperação se dá em um tema frequentemente reputado como sendo *low politics* por se tratar de questões relativas a comércio e desenvolvimento humano (BAYLIS et al, 2008), como observado no quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Engajamento de diversas instituições, organizações e Estados para o desenvolvimento do muro verde

Membros	Número de participantes	Nomes
Organizações intergovernamentais	4	União Africana (Costa do Marfim), Comitê Interestadual Permanente para o Controle da Seca no Sahel – CILSS (Burkina Faso), Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO (Itália), União Europeia (Bélgica).
Instituições financeiras	1	Banco Mundial (EUA)
Organizações de pesquisa e educação	2	Jardim Botânico Real - KEW (Reino Unido), Observatório do Saara e Sahel (Tunísia)
Organizações não governamentais	1	A União Internacional para a Conservação da Natureza - IUCN (França)
Estados nacionais	21	Argélia, Benin, Burkina Faso, Camarões, Cabo Verde, Chade, Djibouti, Egito, Eritrea, Etiópia, Gâmbia, Gana, Líbia, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Sudão, Somália, Tunísia

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados. Disponível em:
<[https://climateinitiativesplatform.org/index.php/Great_Green_Wall_for_Sahara_and_the_Sahel_Initiative_\(GG_WSSI\)](https://climateinitiativesplatform.org/index.php/Great_Green_Wall_for_Sahara_and_the_Sahel_Initiative_(GG_WSSI))>

Ademais, representa um processo no qual um esforço atribuído a uma área específica como desenvolvimento sustentável reverberou-se para outras áreas de interesse. E, esse fenômeno é conhecido como *spill-over*, Haas (2004) – esse conceito foi desenvolvido por Haas a partir da doutrina de ramificação de Mitrany. Sendo assim, a integração em alguns setores gerou o “transbordar” desse fenômeno para outros campos. E essa transferência ampliou o alcance do projeto e permitiu a participação e incentivo de outros atores internacionais, a enorme quantidade de instituições amplamente qualificadas comprovam que a cooperação internacional para a edificação da muralha verde tem sido eficiente.

Considerações Finais

A partir destas considerações, é possível vislumbrar que o projeto de construção do muro verde no continente africano possui diversas opiniões divergentes de natureza política, econômica e social. Várias são as questões que geram dúvidas sobre a efetividade da construção do Muro Verde para criar empregos, atenuar os efeitos da desertificação, impedir o aumento dos fluxos migratórios e fornecer suprimento alimentício.

Essa diversidade de argumentos revela a complexidade trazida por qualquer tipo de intervenção potencialmente transformadora. Mesmo sendo uma proposta de natureza inovadora e alinhada com preceitos ambientais, com capacidade paradigmática no que concerne a construção de muros no mundo contemporâneo, a proposta do muro verde continua sendo fonte de controvérsias. Talvez até uma metáfora para o cenário internacional, pois de acordo com Julius Awaregya, membro da ONG International Development Enterprises este não é um muro comum, feito de tijolo, pedra ou concreto. Em vez disso, é formado a partir de troncos, galhos e folhas - uma barreira verde viva para conter o deserto quase sem vida.

No processo de reconstrução do continente africano, pautada na interdependência, avanço ambiental e cooperação internacional, é louvável a iniciativa de construção de uma muralha verde. No âmbito político internacional, é notável o lugar de destaque que ocupa tal iniciativa, apesar de todas as dificuldades naturais que concernem a realidade local. Para além da economia, o avanço social elucida a superação histórica de uma região atingida negativamente pelo avanço antrópico inconsequente. Para além da literalidade, o simbolismo presente no Muro Verde apresenta uma nova alternativa para as Relações Internacionais pautada na cooperação ambiental, participação política social e ressignificação de conceitos erroneamente construídos ao longo do tempo, substituindo-os pela concepção de avanço do desenvolvimento humano e sustentável.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Ricardo Gesteira. Democracia cercada. Uma análise sobre os muros de fronteira com base no paradoxo da legitimidade democrática de Seyla Benhabib. **Carta internacional**, Belo horizonte, 2020, v. 15, p. 80 a 103, 7 dez. 2022. DOI 10.21530. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1001/760>. Acesso em: 23 jul. 2020.

ASSIS, Caroline et al. INTEGRAÇÃO REGIONAL AFRICANA: PANORAMA, AVANÇOS E DESAFIOS. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, ano 2022, p. 1 a 50, 20 jan. 2022. DOI <http://dx.doi.org/10.38116/bepi32art5>. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/sites/manualeditorial/publicacoes-do-ipea/boletins/boletim-de-economia-e-politica-internacional-bepi>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BAKER, Richard. **Homens das árvores: nas florestas de mogno do Quênia e da Nigéria**. Londres: [s. n.], 1932. 283 p.

CAN a 4.815 mile Wall of trees help curb climate change in Africa?. In: BAKER, Aryn; TOUBAB, Mbar. **Can a 4,815-Mile Wall of Trees Help Curb Climate Change in Africa?**. Estados Unidos, 12 set. 2019. Disponível em: <https://time.com/5669033/great-green-wall-africa/>. Acesso em: 17 set. 2020.

BAYLIS, John; OWENS, Patricia; SMITH, Steve. **The globalization of world Politics: An introduction to international relations**. 6. ed. Oxford: Oxford university Press, 2014. 596 p. ISBN 0199656177.

BALLIF, Florine; ROSIÈRE, Stéphane. Le défi des « teichopolitiques ». Analyser la fermeture contemporaine des territoires. **L'Espace géographique**, [S. l.], v. 38, p. 193 a 206, 13 mar. 2019. DOI <https://doi.org/10.3917/eg.383.0193>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-espace-geographique-2009-3-page-193.htm>. Acesso em: 16 nov. 2022.

BASTIN, Jean-François *et al.* The global tree restoration potential. **Revista science**, [S. l.], v. 365, p. 76 a 79, 5 jul. 2019. DOI 10.1126/science.aax0848. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aax0848>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BROWN, Wendy. **Walled States, Waning Sovereignty**. [S. l.]: Zone books, 2010. 184 p. ISBN 1935408089.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix. 1996.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTRO, José. Water governance in the twentieth-first century. **Revista Ambiente e Sociedade**, São Paulo, p. 97 a 119, 10 dez. 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2007000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/gwKvL3Y8vGm685z797KdR9C/abstract/?lang=en>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CHRIS REIJ, MEMBRO SÊNIOR DO WORLD RESOURCES INSTITUTE. In: **CHRIS REIJ, MEMBRO SÊNIOR DO WORLD RESOURCES INSTITUTE**. [S. l.]:

Reforestation World, 16 jun. 2009. Disponível em: <https://www.reforestationworld.org/voices/chris-reij-senior-fellow-world-resources-institute>. Acesso em: 8 set. 2020

CUTTITTA, Paolo. **O controle da imigração no espaço globalizado**. Le monde-frontière, 2007, p. 61 – 84.

FOUCHER, Michel. **Le retour des frontières**. *Geopolitique*, 2009. p. 104

HAAS, Ernst. **Uniting Of Europe: Political, Social, and Economic Forces, 1950-1957**. [S. l.]: University of Notre Dame Press, 2004. 642 p. ISBN 0268043477.

HABERMAS, Jurgen. **O ocidente dividido**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

HAESBAERT, Rogério. **Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da desterritorialização contemporânea**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011. Disponível em <http://www.posgeo.uff.br/sites/default/files/da_multiterritorialidade_aos_novos_muros.pdf>. Acesso em 11 jun. 2020.

HARE, F. K.; WARREN, A.; MAIZELS, J. K.; KATES, R. W.; JOHNSON, D. L.; HARING, K. J.; GARDUÑO, M. A. (Orgs.). **Desertificação: causas e conseqüências**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

KLEIN, Naomi. **A ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro, nova fronteira, 2008, 1º ed.

KOOIMAN J., **Modern Governance. New Government-Society Interactions**. London: Sage; 1993.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. **Revista Serrote**, [S. l.], v. 5, p. 1, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>. Acesso em: 15 out. 2020.

MOISI, Dominique. **The Geopolitics of Emotion: How Cultures of Fear, Humiliation, and Hope are Reshaping the World**. Estados Unidos: Anchor, 2009. 194 p. ISBN 0307387372.

MONTESANTI, Beatriz. **O que é a grande Muralha Verde da África**. [S. l.]: Revista Nexo, 7 dez. 2022. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/09/06/O-que-%C3%A9-a-Grande-Muralha-Verde-da-%C3%81frica>. Acesso em: 9 set. 2020.

NAESS, D. Arne. **The shallow and the deep: long range ecology movement - A summary**. Editora Springer, 1973.

NKRUMAH, Kwame. Relações Internacionais. In: MARSHALL, Tim. **A Era dos Muros: Porque vivemos em um mundo dividido**. [S. l.]: Zahar, 2021. cap. Estado das nações: África, ISBN 9788537819159.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NWANGWU, C. *et al.* **Regionalism in world politics: interrogating the relevance of the ECOWAS in global political economy.** Central European Journal of International and Security Studies, v. 13, n. 2, p. 111-133, 2019.

O DESERTO DO SAARA ESTÁ SE EXPANDINDO. [S. l.], 29 mar. 2018. Disponível em: <https://umdrihtnow.umd.edu/news/sahara-desert-expanding-according-new-umd-study>. Acesso em: 8 set. 2020.

INITIAL NATIONAL COMMUNICATION TO THE UNITED NATIONS FRAMEWORK CONVENTION ON CLIMATE CHANGE. Estados Unidos, 2002. Disponível em: <http://unfccc.int/resource/docs/natc/namnc1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020

DESERTIFICATION THE INVISIBLE FRONT LINE. UNITED NATIONS CONVENTION TO COMBAT DESERTIFICATION – UNCCD, 2014. Disponível em: <<http://www.unccd.int/en/media-center/MediaNews/Pages/highlightdetail.aspx?HighlightID=275>>. Acesso em 20 de abril de 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A difícil democracia: Reinventar as esquerdas.** Ed. 1. São Paulo: Boitempo. 2016. 220 p.

SATO, Eiiti. **Economia e Política das Relações Internacionais.** Fino traço, 2010.

STÖCKLI, Reto: **Países impactados diretamente pelo projeto de construção do muro verde.** [S. l.: s. n.], 2013. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.thegef.org/newsroom/news/great-green-wall>. Acesso em: 22 nov. 2022.

STRINGER, Lindsay. **Land degradation: desertification and climate change: anticipating, assessing and adapting to future change.** 2016. P.182.

UNIÃO AFRICANA. Ato constitutivo nº 1, de 11 de julho de 2020. Nós, Chefes de Estado e de Governo dos Estados Membros da Organização da Unidade Africana. **Ato constitutivo da União Africana**, Togo, p. 1 a 22, 11 jul. 2000.

VALLET, Elisabeth. **Borders, Fences and Walls: State of Insecurity?.** Ed 1. Canadá: Kobo editions. 2016.

VALLET, Élisabeth; DAVID, Charles-Philippe. **Introduction: The (Re)Building of the Wall in International Relations.** Journal of Borderlands Studies, 2012. P. 111-119.

VEIGA, Edson. **Mundo precisa de 1,2 trilhão de novas árvores para conter o aquecimento global.** Eslovênia: Jornal G1, 7 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/07/04/mundo-precisa-de-12-trilhao-de-novas-arvores-para-conter-o-aquecimento-global-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 8 set. 2022.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela chance de estudar em uma universidade pública de qualidade.

À professora Dra. Giuliana Dias Vieira pelo apoio e orientação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB/CNPq) e no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

À professora Me. Jenifer Queila de Santana pela coorientação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) pelo financiamento em pesquisas durante dois anos.

A todos(as) os (as) docentes que passaram pela minha trajetória universitária e foram essenciais para um bom desenvolvimento da minha formação acadêmica.

Ao Núcleo de Línguas pela oportunidade de estudar e desenvolver meu Inglês e Espanhol.

A coordenação de Relações Internacionais (coRI) que através de convênios internacionais me proporcionou um intercâmbio na Universidade de Salamanca.

Aos meus colegas de turma que para além de serem companheiros na graduação, também são amigos de jornada.

Aos grupos de pesquisa Cidadania entre muros e GEPAP (Grupo de pesquisa em Ásia e Pacífico)

À secretária Mariana Nóbrega por tamanho zelo e auxílio prestados durante a graduação.

Ao meu pai que não mediu esforços para me apoiar e auxiliar na construção da minha carreira.

À minha mãe que sempre me incentivou a continuar buscando excelência.

Ao meu irmão que mesmo estando fisicamente longe permaneceu presente durante essa trajetória.

À minha igreja anglicana central e todos os membros que com muito amor me impulsionaram a continuar.

